

Expresso 28-10-2006	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Transportes
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1225 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/PB
	Tiragem:	167000	Página (s):	1/18

Air Luxor e Yes serviram de ‘aviões-prisão’ dos EUA

Dois voos contratados pelo Governo americano deportaram mais de 400 detidos muçulmanos depois do 11 de Setembro

Um Lockheed 1011 da Yes transportou, a 23 de Novembro de 2002, 280 paquistaneses algemados de Niagara Falls para Islamabad, depois de outro avião da Air Luxor ter deportado, meses antes, 131 paquistaneses a partir do estado de Louisiana.

As autoridades norte-americanas recorreram às duas companhias aéreas portuguesas para afastar o risco de eventuais ataques terroristas caso usassem aviões oficiais. As operações foram preparadas em segredo e envolveram os US Marshals, o serviço incumbido de transportar presos nos Estados Unidos. **PÁG. 18**



Expresso	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Transportes
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1225 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/PB
	Tiragem:	167000	Página (s):	1/18

28-10-2006

EUA usaram 'aviões-prisão' portugueses



Yes e Air Luxor deportaram centenas de muçulmanos depois do 11 de Setembro

Mais de 400 detidos paquistaneses foram transportados em 2002 dos Estados Unidos para Islamabad em dois voos de companhias aéreas portuguesas. Planeando as operações em segredo, as autoridades norte-americanas fretaram os aviões à Yes e à Air Luxor pouco tempo depois do 11 de Setembro, num estratégia para afastar o risco de potenciais ataques terroristas a aeronaves oficiais americanas.

O voo da Yes remonta a 23 de Novembro de 2002 e foi confirmado pela actual administração da empresa de «charters» — que mudou o nome para White e deixou de ser propriedade da TAP, depois de ter sido comprada em Setembro deste ano pela Omni. O contrato com o departamento de justiça norte-americano foi feito através de um operador inglês e correspondeu a um voo ACMI ('Aircraft, Crew, Maintenance & Insurance'), uma espécie de pacote "tudo incluído".

O Lockheed 1011 da Yes saiu de Lisboa apenas com os 12 tripulantes e aterrou a 22 de Novem-

bro de 2002 em Niagara Falls, perto da fronteira com o Canadá. Segundo a tripulação, no dia seguinte de manhã surgiram na pista do aeroporto várias camionetas de transporte de presos com cerca de 280 paquistaneses algemados.

Os pilotos, hospedeiras e comissários portugueses foram, então, chamados para uma sessão de esclarecimento com um grupo de US Marshals (cuja missão é perseguir fugitivos e escoltar presos), que os instruíram sobre as normas de segurança a bordo. "Não devíamos entrar na cabina de passageiros. As refeições foram preparadas por nós, mas quem as serviu foram os US Marshals", revela um tripulante.

Apesar do número elevado de detidos, a operação não foi notada. "Não tivemos conhecimento de qualquer actividade do género passada aqui e nada foi publicado nos «media» locais", diz ao Expresso Mike Hudson, director do jornal 'Niagara Falls Reporter', justificando a ausência de informação com as caracterís-

ticas especiais da pista: "O aeroporto internacional de Niagara Falls não tem voos comerciais e é usado como uma grande base aérea militar. Não existe sequer serviço de passageiros. Os Rolling Stones costumam usá-lo nas suas digressões pela América do Norte e só sabemos que eles estiveram cá depois de se terem ido embora".

Com os paquistaneses algemados seguiram a bordo dez a 20 US Marshals. O avião saiu de Niagara Falls ao final da tarde de 23 de Novembro e fez uma escala técnica em Estocolmo, na Suécia, na madrugada do dia seguinte, trocando de tripulação e seguindo depois para Islamabad, no Paquistão.

As deportações maciças de muçulmanos, de acordo com o jornal 'Washington Post', foram intensificadas pela Casa Branca logo após o atentado das Torres Gémeas em Nova Iorque e envolveram uma caça ao homem de costa a costa, com a detenção em poucos me-

Expresso 28-10-2006	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Transportes
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1225 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/PB
	Tiragem:	167000	Página (s):	1/18

ses de mais de mil imigrantes ilegais oriundos de países relacionados com a Al-Qaeda.

Embora a notícia tenha passado despercebida em Portugal, o voo da Air Luxor chegou a ser relevado pelo 'Washington Post' em Julho de 2002, num extenso

artigo que explica como os 131 paquistaneses que embarcaram no Lockheed da companhia portuguesa — num aeroporto do estado de Louisiana — esperaram meses em 22 centros de detenção dos serviços de imigração.

As autoridades americanas te-

rão pago 342 mil dólares à Air Luxor para transportar os detidos até Islamabad. Ainda segundo o jornal, dos 131 deportados nenhum era acusado de terrorismo e 35 deles tinham sido presos por cometerem crimes, incluindo violação e roubo.

MICAEL PEREIRA

O NÚMERO

280

paquistaneses algemados viajaram num único voo, a 23 de Novembro de 2002

Expresso 28-10-2006	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Transportes
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1225 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/PB
	Tiragem:	167000	Página (s):	1/18

Procuradoria investiga milhões desaparecidos da Air Luxor

Desvios de dinheiro, facturação falsa, alienação de património. Os actuais administradores da Air Luxor acusam a família Mirpuri de burla e abuso de confiança

rência da família Mirpuri, depois de uma denúncia da actual administração. A Procuradoria-Geral da República confirma a recepção da queixa no Departamento de Investigação e Acção Penal de Lisboa.

Os resultados de uma auditoria interna feita à empresa de aviação privada apontam para desvios de fundos que elevaram

os prejuízos para 15 milhões de euros durante a gerência Mirpuri. O inquérito do MP vai agora confirmar, ou não, as suspeitas.

A auditoria interna detectou não só transferências de dinheiro da Air Luxor SA para contas pessoais da família Mirpuri, mas também falsificação de facturas, intrusões não autorizadas no sistema informático e

O Ministério Público (MP) está a investigar a alegada gestão danosa da Air Luxor durante a ge-

NÚMEROS

15

milhões de euros é o valor do prejuízo que a actual administração detectou

4

milhões de euros foi quanto uma empresa portuguesa de aviação facturou à Air Luxor, em três meses de 2005

60

contas bancárias associadas directamente à companhia foram detectadas pela auditoria interna

venda ilegítima de património da empresa. “Quando chegámos, em Julho deste ano, encontramos um enorme caos contabilístico”, conta, no anonimato, uma fonte da actual administração que se sente lesada com a perda do Certificado de Operador Aéreo e a respectiva licença dos seus dois aviões.

Confrontada com a situação, a

Mirpuri Investments rejeita todas as acusações. “Não temos conhecimento de qualquer investigação por parte do MP e repudiamos fortemente as referências a alegada gestão danosa, sendo falsas e absurdas todas estas informações”. O gabinete de comunicação salienta ainda que “o Grupo Mirpuri (antiga administração da Air Luxor) já entregou

aos advogados a resolução pela via judicial da desinformação inconsciente dos actuais accionistas da Air Luxor, respectiva administração e representantes”.

Enquanto não começa a guerra nos tribunais a dos números vai fazendo estragos. A auditoria à anterior gestão indica que o período entre 2002 e 2006 foi o mais nocivo para a empresa: a

Expresso 28-10-2006	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Transportes
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1225 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/PB
	Tiragem:	167000	Página (s):	1/18



Paulo Mirpuri, ex-presidente da empresa, está sob fogo cerrado

saída de dinheiro para contas pessoais dos anteriores administradores terá atingido três milhões de euros — boa parte dessa quantia terá sido canalizada para a constituição do capital social do National Investment Bank (NIB), em São Tomé e Príncipe, ligado aos Mirpuri.

A mesma fonte da actual admi-

nistração revela a existência de uma profusão de contas bancárias ligadas à Air Luxor. “Eram mais de 60. Imagine-se a dificuldade em investigá-las. E a facilidade com que o dinheiro podia ser transaccionado sem deixar rasto”. Embora a companhia apresentasse seis milhões de euros de lucro, não dispunha de capacidade financeira nas contas

bancárias. E só à Segurança Social, a dívida ascendia a mais de três milhões de euros.

Sobre a falsificação de facturas, a avaliação interna refere o exemplo de uma empresa de aviação nacional que facturou à Air Luxor mais de mil horas de voo, em 2005, por um avião que se encontrava parado em Amesterdão desde o ano anterior.

HUGO FRANCO